ANO 1.º — LISBOA — SEXTA-FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 1921 — N.º 175

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diario

O *Diario de Lisboa*, nestes dias amargos como o fel, não se tem poupado a esforços para dizer simplesmente a palavra justa ácerca dos acontecimentos.

Todos os seus redactores procederam com o mesmo pensamento. Dos seus erros, se alguns cometeram, eles próprios se penitenciarão.

Mas tambem não seria mau que santas pessoas, que não podem com as suas virtudes, fizessem ao menos um breve gesto para conter impaciencias que, na manhã de 20 do corrente, se resguardavam contra possiveis constipações. Lembre-se cada qual que Portugal está enfermo e que só a custo de muito senso e prudencia readquirirá a perdida saude moral.

Ser violento, deante duma chávena de café, é tão fácil que não há perigo de nela se levantar uma tempestade.

* * *

A reconstituição do assassinio de António Granjo, realizada pelo *Diário de Lisboa*, devido a investigações da nossa redacção e a informes do capitão sr. Cunha Leal, alcançou o mais franco sucesso. A tiragem que fizémos exgotou-se completamente e, apezar de os nossos colegas *A Epoca* e o *Correio da Manhã*, terem transcrito integralmente esse trabalho, ao nosso administrador continuam a chegar pedidos de jornaes, que impossivel é satisfazer. Tambem o *Primeiro de Janeiro*, do Porto, publicou integralmente o artigo, em telegrama enviado pelo sr. Nobre de Carvalho, fazendo uma edição especial.

* * *

Entre os protestos que se produziram, em todo o paiz, contra os horrendos crimes da noite de 19 do corrente, merece salientar-se, pelo aprumo e decisão que o inspira, o do Club Militar Naval, que pede sem transigencias a punição exemplar dos seus autores, cumplices e responsáveis.

Convém frizar que o Club Militar Naval é o interprete da corporação dos oficiaes da Armada, cujos serviços á Pátria é desnecessário enaltecer.

* * *

O professor dr. Lucien Gallois, da Faculdade de Letras da Universidade de Paris, é um geógrafo e cartógrafo de reputação mundial. Como autor de um estudo—*Les portugaises et l'astronomie nautique*, revelou-se um amigo de Portugal. As suas conferencias, nos primeiros dias do próximo mez, na Faculdade de Letras, devem ser escutadas por um publico selecto, desejoso de conhecer as lições dum mestre.

* * *

Ao principio da tarde, o governo reuniu em conselho, á porta fechada. Numa sala contigua, a Junta Revolucionária, tambem delibera. Destes dois organismos, qual fará prevalecer as suas determinações?

* * *

Há elementos revolucionários que não concordam com a demissão do actual governo e a constituição de um outro, saido dos partidos da Republica. E a demitir-se garantem-nos os elementos insurreccionais da marinha não verão com bons olhos que o actual ministro dessa pasta a abandone.

UM GENERAL

O sr. general Gomes da Costa, que tem uma folha de serviços á Patria digna do respeito e admiração de nós todos, deixou ou vai deixar o comando da 4.ª divisão — o que representa uma grave perda para o brilho e disciplina do nosso exercito.

Se estivesse nas nossas mãos impedido de consumar semelhante gesto, empregariamos todas as nossas fôrças e poder de convencer para lhe significarmos que Portugal — a dôr de um povo que foi grande e que hoje expia as penas da sua velha grandeza — confia nele para uma obra de reconstrução e de reeducação essencialmente militar. São já poucos os homens para quem o povo erga confiado os seus olhos de fé, a fim de que possamos assistir, desinteressados ou desatentos, á *retirada* de um que, pela honradez e pela bravura, é um belo exemplar de português.

As desordens, motins, pronunciamentos e revoluções, que se vêem dando, entre nós, há alguns anos, teem gastado a nossa pequena reserva de caracteres e competencias, desfazendo dedicações patrioticas como uma mó de moinho faz aos grãos de trigo. A nossa politica, a desgraçada politica dos ambiciosos sem escrupulos, procedeu com tamanha intolerancia e cegueira, que conseguiu pôr de banda todos os valores que, sendo intelectualmente garantidos, tambem moralmente encarnavam as virtudes da raça.

As palavras de ódio, perturbando a gente simples e, sobretudo, os ignorantes de maus instintos, criaram no nosso país, nos subterraneos da capital, uma terrivel fermentação de más paixões. Só se tem pensado em destruir, a principio, as creações do nosso magnifico passado, que individuos, desprovidos do sentimento religioso dos monumentos e das memorias ilustres, votaram ao exterminio, calunia-as de incompativeis com o pensamento moderno.

Como, porém, a obra do mal não conhece limites, o vandalismo foi crescendo até se estender aos orgãos e serviços essenciais do Estado. A autoridade desacreditou-se, decaiu do seu prestigio, rocando-se nas ruas com os espectaculos que a degradavam. Quando alguem protestava contra tal envilecimento, a sua voz perdia-se, como se soasse num descampado.

O exercito, que deve ser uma escola de virtudes, inacessivel ás sugestões ruins das pugnas politicas, deixou-se contaminar por vicios que ele tem por missão principalmente combater.

O sr. general Gomes da Costa, com a especial significação do seu nome, não tem duvida em o afirmar. Exige-se, portanto, que termine tão nefasto estado de coisas.

O grande soldado da India, da Africa da Flandres merece bem que o escutem, aceitando as lições da sua larga experiencia e conselho.

FREGUEZ EXIGENTE

(Desenho de Jorge Barradas)

— Dá-me um masso de almirantes?
— Já não ha. Pediram a demissão...

Não será mau que os actuais partidos politicos dêem um exemplo meritorio do seu desinteresse, uns eclipsando-se para não se mostrarem tão cedo e outros erguendo-se sem a mais leve sombra de egoismo, para bem servirem a Patria, que algumas vezes tem sido para eles um simples pretexto retorico.

* * *

Se com a atmosfera que se formou, perante os monstruosos crimes da noite de 19 do corrente, a policia não descobrir os seus autores ou a justiça os não castigar, só nos restará declarar o nosso país a primeira selva do mundo.

* * *

Reconhece-se a absoluta necessidade de olhar atentamente pela formação moral das novas gerações, tanto na familia como nas escolas.

* * *

Para que existe, entre nós, tanto grupo, tanto *comité* e tanta associação secreta? Talvez não fosse mau que o amor á Republica aparecesse mais ao ar livre, mesmo para que se não diga que ela tem as raizes nos subterraneos.

* * *

O sr. dr. Alves da Veiga, ilustre ministro de Portugal em Bruxelas, que no proximo domingo parte para aquela capital a retomar o seu posto, visitou esta tarde o «Diario de Lisboa», gentileza que muito agradecemos.

* * *

O sr. ministro do Comercio nomeará ainda hoje um director e um adjunto para os Transportes Maritimos do Estado.

* * *

Dizem-nos que se mantem o proposito de organizar um governo de concentração republicana.

* * *

Os srs. Pinto de Lima e Carvalho Santos não fazem parte de qualquer comissão que se proponha ir ao Alcaide convencer o sr. Cunha Leal a regressar á actividade politica, quer para presidir a um governo, quer para sobraçar uma pasta.

* * *

Consta-nos que o «dreadnought» brazileiro *Minas Geraes* vem brevemente ao Tejo, para testemunhar a amizade do Brazil por Portugal.

* * *

Abre hoje ao publico o teatro de S. Carlos, para a «première» de *Jerusalem*, a emocionante peça de Rivolet, adaptada por Alfredo Cortez. Amelia Rey Colaço vae ter uma noite de triunfo. O scenário é cheio de carácter.

Não perca o publico a bela ocasião que se lhe oferece de assistir a um lancinante conflito de consciencias.

* * *

Contra os que dizem que o nosso povo não conhece os seus deveres, importa afirmar que a culpa não é dele, mas sim dos que lhe roubaram as suas crenças, deixando em seu lugar osgas e viboras.

MUSEUS DE LONDRES

A "NATIONAL GALLERY"

O "DIARIO DE LISBOA" ENTREVISTA UM PORTUGUÊS QUE SABE VER

A Paguarla é uma pitoresca aldeiasinha, reclinada entre arvoredos, num dos contrafortes da serra de Cintra, a dois passos de Colares. Ali, na sua casa de campo, pequenina e conchegada, linda casinha portugueza reconstruida com o carácter das construções similares do seculo XVIII —janelas emolduradas de azulejos, registos de santos e o alpendre tão nosso—ali, diziamos, fomos encontrar, munidos dum amavel bilhete de apresentação, o sr. Luiz Keil, escritor de arte distintissimo e conservador do Muzeu Nacional de Arte Antiga, que nos recebeu com a mais fidalga gentileza.

—Casal da «Serrana», lindo nome, observámos.

—Assim babtisei esta casa em homenagem e memória de meu Pae...

—...o glorioso autor da «Serrana», atalhámos, de quem v. ex.ª herdou o espirito e feição artistica que tão bizarramente demonstra.

—Meu Pae valia muito mais que eu, meu caro.

—Vamos, nada de modestias... E já que por Arte começámos, de Arte falaremos. Queria que me désse impressões a esse respeito da sua ultima viagem. Não deixou, certamente, de visitar os muzeus de Londres...

—Nem outra coisa podia ser. Mal comido e mal dormido—ala para os muzeus!

—E quaes visitou?

—Principalmente a «National Gallery», o «Kensington Museum» e a colecção Wallace. Passava lá tardes inteiras...

—Deve ser uma maravilha de riqueza e de apresentação, a «National Gallery»...

—Não faz ideia. Como V. sabe, é um dos primeiros muzeus do mundo. Grande como edificio, e grande como acumulação de riqueza artistica. E' uma enorme construcção, feita especialmente para o fim a que se destina, e situada em frente da coluna de Nelson, em Trafalgar Square. E' possivel que para os métodos de exposição actualmente seguidos, algumas das salas sejam excessivamente altas. Mas o conjunto é excelente.

—E de quadros?

—Quási todas as escolas de pintura lá estão representadas. Mas, sobretudo, em quadros italianos, especialmente primitivos, é o maior repositório conhecido. O estado de conservação—admirável. Se V. visse os Crivelli e os Alvisi, ficava, como eu, maravilhado.

—Fazemos ideia...

—Mas não é só nisso que o Muzeu é rico. Os primitivos flamengos estão ali representados por muitas obras capitaes. Lá está o célebre quadro de João Van-Eyck—retrato de Arnolfini e esposa—maravilha de colorido e execução... E como V. sabe que os primitivos neerlandezes sacrificavam o conjunto ao excessivo pormenor, não imagina como estão tratados os mais pequenos objectos. Não vou maçá-lo a descrever-lhe a estupenda série de holandezes, alemães, italianos, espanhoes e os próprios inglezes do seculo XVIII, grandes mestres do retrato...

Cahia a tarde, dôcemente, sobre a Várzea de Colares. Um melro cantava numa sebe vizinha. Em baixo, na estrada que sóbe para Rio de Milho, ouviam-se as gargalhadas dum grupo de raparigas, envergando as suas andainas domingueiras. E eu preguntei:

—Diga-me alguma coisa a respeito da guarda, disposição e conservação das obras expostas.

—Devo dizer-lhe que são excelentes, sem comtudo serem superiores ás dos alemães, mestres na matéria. Agrupam os quadros por escolas e por épocas. Assim, o estudioso, como o simples visitante poderão vêr, ao primeiro golpe de vista atravez das imensas salas, a evolução da pintura até aos tempos modernos. Os quadros estão quási sempre dispostos em uma só fila, na cimalha. Alguns, de valor excepcional, ocupam uma unica parede, como os de Rafael, Boticelli e do grande Leonardo. Todos são protegidos por chapas de cristal, preservando-os assim da poeira e de qualquer... indiscreção dos visitantes.

—Já sabemos. Por causa das môscas...

—Isso, isso. Tendo eu pedido ao director, «sir» Charles Holmes, para vêr um quadro sem a chapa de vidro, ao que ele imediatamente acedeu, logo os visitantes se achegaram pressurosos, indagando se tinha havido alguma novidade...

—Se lhe parece!

—Ainda mais. Todos os dias há prelecções publicas, feitas pelos conservadores do Muzeu, creaturas de sciencia e competencia, sobre determinados quadros ou autores. Essas conferencias são feitas em presença das obras, e sempre muito concorridas de artistas, amadores, criticos e numeroso publico.

—E copistas? Lembra-me ter visto em Madrid, no Prado, um que outro copista espalhados nas galerias...

—Ora! se visse em Londres! Não é um nem dois, são duzias! Então a concorrencia de «misses» durázias e cavalheiros de dignissimas barbas, é respeitavel. E todos com o seu cartão—nome e morada—pregados no cavalete. E o atrevimento das cópias! Imagine que se atiram a copiar o mais dificil, por exemplo, «Os Reis Magos», de Mabuse, mas pela técnica moderna, meu caro! E' da gente pasmar!

Não pudémos reprimir uma gargalhada, e quiz-nos parecer que o melro da sebe tambem casquinou.

—E' que uma grande parte, continuou o sr. Luiz Keil, são professores de pintura que para ali vão, para depois fazerem réclame á sua sciencia pictural. Esta gente tem um regulamento especial. Não podem, por exemplo, mais de duas pessoas copiar simultaneamente o mesmo quadro. Cavaletes, cadeiras, etc., tudo é fornecido pelo Muzeu.

—Diga-me, a «National Gallery» está aberta todo o dia?

—Sim, e paga-se a entrada três vezes por semana.

—E de catálogos?

—Magnificos, meu caro, havendo catálogos geraes, sempre em dia, e relativamente baratos. Há tambem catálogos especiaes de escolas, ilustrados e muito desenvolvidos. Tambem se encontram á venda muitas monografias. Quer vêr?

E o nosso entrevistado foi-nos buscar uma porção de brochuras, que folheámos com interesse. Baratas, na verdade. Entre nós, qualquer delas custaria o quádruplo... Uma pregunta: Não podem adquirir-se fotografias de quadros?

—Sim, senhor, porque não? Quási todos os quadros estão reproduzidos em foto. Vendem-nos em 3 tamanhos.

—O que há mais digno de vêr-se na «National Gallery»?

—Olhe, por exemplo, o anexo dos Retratos, de que me ia esquecendo falar-lhe.

—Que é isso?

—Nada menos que uma série interminável de retratos de todas as personagens que, por qualquer maneira, foram célebres na história da Inglaterra—monarcas, homens de Estado, guerreiros, escritores, artistas, actores, etc. E isto desde os tempos mais recuados.

«Ainda lhe poderia falar da pintura antiga, maravilhas de pintura a encáustica descobertas no Egipto. Mas isto levar-me-ia muito longe, e encheria muitos numeros do *Diário*...

—E como foi V. recebido por essa gente?

—Optimamente. Encheram-me de atenções, e folgo de que o meu amigo o registe no seu jornal. O director da «National Gallery», de quem já falei, é um «gentleman» e um erudito, versadissimo em materia de primitivos italianos.

—Ele não falou de Portugal, da arte portugueza?

—Falou, mas vagamente. No entanto, tive o prazer de palestrar uns minutos com ele ácêrca das ultimas descobertas feitas em Portugal sobre a nossa antiga pintura. Aproveitei até o lance para lhe mostrar o livro do meu ilustre amigo e director dr. José de Figueiredo, sobre Nuno Gonçalves, livro que ele só de nome conhecia, dado o seu desconhecimento da lingua portugueza. E isto me fez lamentar que até hoje se não tenha ainda feito uma boa tradução franceza de tão notável trabalho.

—E o que me diz das suas visitas ao «Kensington» e «British Museum», e á colecção Wallace?

—Tenha paciencia, meu amigo, isso ficará para outra vez. Daqui a dois dias irei a Lisboa, e lá conversaremos, porque alguma coisa há a dizer sobre esses repositórios artisticos, que tanto se relacionam com Portugal.

E assim, com a curiosidade novamente excitada nos despedimos a tomar o electrico Cintra-Atlantico, caminho de Lisboa, quando já lá debaixo, do vale, subiam as primeiras sombras do crepusculo a absorver a paizagem...

M

AS ULTIMAS PRISÕES

O que diz um operario do Arsenal

Do nosso colega «O Seculo» transcrevemos a seguinta carta, que merece ponderação:

«Lisboa, 27 de outubro de 1921. — Sr. director de «O Seculo»:

«Como o jornal de v. noticiou na sua edição da noite, fui preso pela Policia de Segurança do Estado. Esta minha prisão tão irrisoria como absurda, foi uma habilidade para encobrir os verdadeiros criminosos dos ultimos e repugnantes atentados em que foram assassinados dedicados e authenticos republicanos. Diz-se, não sei com que fundamento, que um dos assassinos do malogrado capitão de fragata Carlos da Maia é um marinheiro conhecido pelo «Cachola».

Como se dê a circunstancia de eu ser operario do Arsenal de Marinha e os meus companheiros de trabalho, por mera brincadeira, me chamem pelo «sobriquet» de «Cacholas», pelo facto de eu ter uma cabeça grande, vá de atribuir-me o feito para assim encobrir o tal «fardamento». Mas o que a P. S. E. não sabia é que Carlos da Maia era meu amigo pessoal e meu correligionario politico, como meus amigos são tambem os irmãos do saudoso extinto!

Por esta amostra, dir-se-ia que foi dada ordem para se arranjar vitimas que substituam os criminosos de facto, com o fim de as corporações a que pertencem não ficarem manchadas. Aqui fica o aviso ás futuras vitimas, visto que pelo meu lado não pegou, porque se pegasse era graça. — *Alfredo das Neves*, (conhecido pelo «Cacholas», operario do Arsenal de Marinha).»

THEATRO SÃO LUIZ
Empreza A. Ramos, Lda.
Concertos Blanch
Está aberta, da 1 ás 5 horas da tarde, a assinatura para
10 CONCERTOS
DA
Orchestra Synfonica Portugueza
dirigida pelo maestro *Pedro Blanch*.
Os srs. assinantes da ultima epoca teem *preferencia* aos seus logares até sexta feira, 4 deNovembro. No dia 5 principia a assignatura avulso, livre de compromissos.

TEATRO NACIONAL
Telefone C. 2049
AMANHÃ--SABADO -- DEFINITIVAMENTE
A's 21 horas
INAUGURAÇÃO DA EPOCA DE INVERNO
e
PRIMEIRA RECITA D'ASSINATURA
A representação do notavel drama em 5 actos, em verso, de D. João da Camara
D. AFFONSO VI
Montagem scenica completamente nova
Desempenho a cargo dos principais artistas da companhia
Para outros detalhes, ler o cartaz

EDEN - TEATRO
Empresa Henrique Barreiros, Ltd.
SEGUNDA-FEIRA, 31
Primeiras representações
PAU DE DOIS BICOS
Companhia NASCIMENTO FERNANDES

TEATRO DO GIMNASIO
Companhia ALVES DA CUNHA
HOJE, ás 9 da noite, em ponto
RIR! RIR!! RIR!!!
A mais graciosa das peças
O CELEBRE PINA
O espectaculo acaba antes da meia noite
A SEGUIR: 1.ª recita de assinatura com a peça
MARIDOS ENCRAVADOS
A assinatura encerra-se na actual semana

Por muito bom preço todas as noites ás 21 em ponto
DOLLARS! DOLLARS! DOLLARS!
50 MILHÕES
TEATRO APOLO
GATO POR LEBRE
Com uma nova apoteosa em que toma parte a distinta actriz Celeste Leitão.

TEATRO CHIADO TERRASSE
COMPANHIA LUZ VELOSO
Definitivamente hoje, sexta feira
INAUGURAÇÃO DA EPOCA
1.ª Recita de assinatura
1.ª representação da celebre peça italiana em 3 actos de Sabatino Lopes, tradução de Mario Duarte
MARIO E MARIA
Os principais papeis por *Luz Veloso, Teodoro Santos* e *Rafael Gomes*.

DOIS SONETOS

Extase

Olhámo-nos os dois, e os dois ficámos
em pedra transformados no Momento.
Momento em que pensando atravessámos
as fronteiras do próprio Pensamento.

E a olharmo-nos sempre, alevantámos
castelos d'Ilusão e Encantamento! ..
Castelos onde em sônhos habitámos
e onde o sônho nos foi recolhimento.

Olhámo-nos os dois e não quizémos
nem palavras dizer... Fômos mais sábios:
—Os olhos, só os olhos falariam...

E foi assim calados que dissémos
aquilo que falando os nossos lábios,
durante a vida inteira, não diriam.

SILVA TAVARES.

Remorso

Em noites de boémia perdição,
No ritual do Vicio e do Pecado,
Sobre o altar do Prazer, ajoelhado,
Ergui o meu altivo coração.

Fui libertino. Como um condenado,
Para assistir á morte da Ilusão,
Deixei cair minh'alma, em tentação,
No inferno do meu sonho deslumbrado.

Meu vinho, num festim de apoteose,
Bebia o por um calix de nevrose,
Cujo fatal segredo me matava...

Pois a erguer a taça, em plena orgia,
Pensando em ti, só lágrimas bebia
E só de dôr, então, me embriagava.

Lisboa, Maio-1921.

AFONSO DE CASTRO

A PRESTAÇÕES

Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses..... .... 9$00
6 » ..... 18$00
12 » ..... 36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

EPISTOLARIO

COMO GONÇALVES CRESPO CONHECEU D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Um amor que nasceu da admiração, pelo seu talento, da senhora que mais tarde foi sua esposa

Em 1871, publicou o amavel e doce poeta Gonçalves Crespo esse livrinho de oiro que são as *Miniaturas*. Andava então a tirar o seu curso de direito na Universidade de Coimbra, e tinha vinte e cinco anos.

Chegou este livro ás mãos duma joven senhora que, no entusiasmo que a sua leitura lhe produziu, escreveu ao poeta uma carta em que o felicitava calorosamente. Responde-lhe o poeta com palavras de surpresa e gratidão; o resultado da resposta foi o testemunho publico daquela senhora, que, no *Jornal da Noite*, publicava dias depois uma critica elogiosa, «inteligente e sincera» das *Miniaturas*. E' a essa critica que Gonçalves Crespo responde com a carta que vai abaixo transcrita.

Essa ilustrada senhora, que cobria de aplausos e ramos de loiro o livro que um poeta recem-chegado á arena das letras trazia na mão, chamava-se D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

O episodio não ficou por aqui. Trocam-se as primeiras cartas, mais adiante, com as opiniões literarias vai de mistura alguma que outra expressão menos critica mas mais afectuosa. Por ultimo escreveu-se quasi diariamente, até que, apercebendo-se aquelas duas almas de eleição dos laços que já os prendiam, teve o pequenino romance o seu epilogo na pequenina igreja campezina de S. Antão do Tojal, onde em 12 de março de 1873 o poeta dos *Nocturnos* unia o seu destino ao da futura *Valentina de Lucena*.

C. M.

Coimbra, 2 de maio de 1871.

Ex.ma Senhora.

Enternecidamente grato para com V. Ex.ª em virtude da carta que ha dois dias teve a complacencia de me escrever, acresce agora dever-lhe eu fineza de maior tomo e de maior consideração. Fallo da critica intelligente e sincera que publicou no *Jornal da Noite* a respeito do meu livro. Se todos aquelles elogios são para entontecer quem já de ha muito percorre a via dolorosa, quanto mais não me entonteceriam a mim, que balbucio apenas as primeiras estrofes da mocidade! Doce consolação para o poeta, que no principio da sua peregrinação litteraria encontra corações que vibram os mesmos accordes que o seu, e almas que viajam com a sua pelo mesmo serenissimo azul da poesia! Ainda uma vez obrigado, minha talentosa senhora!

De V. Ex.ª, etc

GONÇALVES CRESPO.

MIGALHAS

Cantigas

Quem ama a Deus e não ama
o pobre mais pobrezinho,
do amôr só vê a chama:
fica a meio do caminho.

Nunca recuses a esmola,
seja o pedinte quem fôr:
—Que penas de outrem consola
alivia a própria dôr

Sou pobre, não tenho nada,
bemdita seja a pobreza!
Vou mais leve na jornada,
porque a vida não me peza.

Querer ser grande e não ter
coragem de trabalhar,
e ir á missa e não vêr
o santo que está no altar.

O vazo que está á bica
emquanto bebeu cantou:
—um desejo preenchido
é canção que se calou.

Sofrer a vida é ganha.
as lutas que a vida tem:
—Nem só matando se vence,
mas até salvando alguem...

Não digas ao vêrme triste:
—que noite feia e sombria!
As almas vivem na treva:
não ter noite é não ter dia

Pensar muito e dizer pouco
sinal é de bom saber.
Olha o coração, que louco!
a falar sem entender!

Não sáias nunca sózinho
leva comtigo a alegria.
Cantando se anda o caminho,
não ha melhor companhia.

(D) livro *Estrela de Alva*, de Joaquim Capella).

TEATRO S. CARLOS Telef. C 5063
Companhia dramatica
REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE — ás 21 horas — HOJE
Inauguração da epoca de inverno com a
ESTREIA da peça em 4 atos, de grande espectaculo
de GEORGE RIVOLET
arranjada para a scena portugueza por ALFREDO CORTEZ
JERUSALEM!
Scenarios deslumbrantes
Enscenação de Antonio Pinheiro
HOJE! HOJE! HOJE! HOJE!
Os principais papeis são desempenhados pelos artistas **Amelia Rey Colaço, Maria Judice, Antonio Pinheiro, Henrique d'Albuquerque, Robles Monteiro e Ernesto Rodrigues.**

Companhia de navegação
LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa
Para carga e passageiros trata-se com os agentes
PINTO & SOTTO MAIOR
Rua do Ouro, 24
Telefone n. 1227 C. LISBOA

TEATRO AVENIDA
A opereta
FLORES DA NOITE
Exito enorme da companhia
SATANELA-AMARANTE

TEATRO SALÃO FOZ
EMPRESA ARTUR EMAUZ
1 de novembro estreia da companhia
OTELO DE CARVALHO
Duas sessões com a revista em 2 actos e 10 quadros
BICHINHA GATA...
Original de Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes & Lino Ferreira, musica de Wenceslau Pinto e Julio Almada.
Bilhetes á venda

LABORATORIO DE FARMACIA DO INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA
RHEUMA
(XAROPE PEITORAL)
DE RESULTADOS INFALIVEIS NO TRATAMENTO DE:
AFECÇÕES DOS ORGÃOS RESPIRATORIOS CONSTIPAÇÕES, BRONQUITES, TOSSES, GRIPES, ETC,
FARMACIAS: R. NOVA DO ALMADA, 88—LISBOA
R. DOS CLERIGOS, 36—PORTO

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE -- 2 SESSÕES 2 -- HOJE
A'S 20 HORAS E ÁS 22 HORAS EM PONTO
A inesquecivel revista que está a despedir-se de Lisboa
TIC-TAC
Grande e ruidoso exito de
RICO & ALEX
(PORTUGUESES)
Intermedios novos todas as noites por
Carlos Leal e Alvaro de Almeida
Salambó
a galante e «salerosa» coupletista
Preços populares — Geral, 50 centavos
HOJE — Recita de accionistas—HOJE
A 2.ª sessão termina á meia noite em ponto, havendo a essa hora carros para toda a cidade.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

A flor da minha mesa

A flor que puzeram hoje no meu solitario de cristal é vaidosa, caprichosa, indolente como aquela rapariga que, ontem, falou comigo na *Garrett*. Como ela, era esguia, debil, gracil—de um esguio serpeante, de gracil comedido e timido.

Como ela, ela trajou-se de encarnado, de um encarnado-espalhafato, de um escarlate-reclame.

Agora mesmo a vejo eu, *coquette* e peralvilha, a carmimar as petalas de um mais vivo vermelho, de um vermelho mais forte —tal e qual a rapariga do chá de ontem quando, ás escondidas, sacou da saca o, *baton* do *rouge* e o pon-pon do pó-de-arroz. Esta retocava-se, fingia-se, alindava-se quando olhos a olhavam mais. A flor da minha mesa—essa, mal á janela uma restia mais doirada e curiosa deste sol matutino vem respirar, logo, taful e casquilha, começa a maquilhagem.

As petalas alongadas, afuziladas, sanguinam-se mais, mais se enrubecem, num tom aveludado ou setince.

E' presumida, deste geito a flôr da minha mesa!

* * *

Mas o capricho que ela tem! Longe, muito longe dela nisto fica a rapariga da *Garrett*—com a complicação modelada dos seus cabelos postiços, com o maranhamento labirintico dos bordados bronzeos do vestido claro, com o espiritismo scintilante de *mascotte*, do colar, dos braceletes, com a confusão protegida das rendas descaidas dum chapeu em *abat-jour*.

Nem orquideas, nem crisantemos não são iguais em capricho. Nem orquideas nem crisantemos porque os crisantemos e as orquideas tem no capricho um orgulho, um requinte que a flôr da minha mesa não tem. Nem orquideas, nem crisantemos—que a estravagancia dela é mais simples.

* * *

Mas, sobre tudo, a flôr da minha mesa tem para mim o encantamento da sua negligencia.

Torce-se, contorce-se, requebra-se languidamente, molemente a sua haste—e a flôr não se alteia, antes se inclina, se debruça.

Mas então, as petalas, indolentemente, cansadamente, se anelam, se espinham quasi, coleantes. onduleantes...

***

Quando a vejo, quando a ólho assim—o tom asetinado, aveludado das petalas e o modo prognitoso dos seus modos, trazem-me á lembrança a pose e os modos da rapariga da *Garrett*... da rapariga que, como a flôr da minha mesa—creio eu que nunca vi!...

Artur Maciel.

MÁ-LINGUA

Adoração

(por Leonardo Coimbra)

E não sei de outro homem no país
que, tendo pelas letras tal apêgo,
faça o luso leitor ver-se tão grego
por não compreender o que ele diz.

No nome, o da rainha do Mondego.
tem um rio correndo entre alcantis;
e o que é desolador e infeliz
é que apesar do rio não deu rego...

Depois de muita coisa transcendente
—Veronal que adormece toda a gente!—
resolveu mergulhar na *adoração*.

E' que, sentindo nos artelhos
dobrou as pernas, e ei-lo, de joelhos;
ainda porá um dia as mãos no chão?...

Taço

CONFIDENCIAS DE ARTISTAS

ANTONIO PINHEIRO COMO ACTOR E COMO ENSAIADOR

Recordam-se os seus tempos de 1886—Como Pinheiro, ao fim de um ano, é despedido do Gimnasio por não ter vocação!—Os novos processos de "mise-en-scène"

Antonio Pinheiro faz hoje 35 anos que se estreou no Ginasio, na peça «Nobres e Plebeus». Isto foi por alturas de 1886, depois de dois anos de aprendizagem na Escola de Arte de Representar, que ao tempo singelamente se apelidava Escola de Arte Dramatica.

Pinheiro andava na Escola Politecnica quando um dia se deu uma das muitas remodelações daquela Escola. Entraram nela duas grandes figuras: um actor de estirpe, Augusto Rosa, e um comediografo a valer, Gervasio Lobato.

Apresentada a mocidade de Antonio Pinheiro, o actor mais português do nosso teatro, com aquela fisionomia caracteristica, popular, bonacheirona, com aqueles olhos que riem numa contumaz garotice, e sorriso a reincidir sempre nos labios vermelhos e largos, vamos pôrte, leitor, a falar com ele, a ouvi-lo fora das taboas do palco e dentro do seu camarim. A porta está aberta e aparece a senhora dona Amelia Rey Colaço, que pregunta como passamos. O palco lembra um convés de navio, com aqueles grandes madeiros altos a subirem, a subirem sempre. Há cordas, scenarios enrolados, pranchas e a marujama, isto é, os maquinistas, que correm de bombordo a estibordo, no arranjo do scenario do «Jerusalem».

A preceito, não sabemos se Pinheiro é tão português, que tenha o pecadilho do desleixo. Mas aquele camarim, senhores, tinha tantos trapos pelo chão, tantas cabeleiras velhas caidas ao acaso, que o actor esboçou, logo que entrámos, uma ténue desculpa, que os seus olhos de garoto e o seu sorriso franco nos levou a aceitar sem perdoar. Haja em vista o reparo amigo que aí fica. E' mais um traço para a entrevista e para o actor.

Ele fala:

—Faço hoje exactamente 35 anos de teatro. No Ginasio, ao principio, mas só um ano...

—Tão pouco tempo, Pinheiro...

—Correram comigo. Disseram então que não tinha talento. Já havia, como hoje, o ódio ao Conservatorio... E naquele tempo, sabe, o curso só tinha dois anos! Coisa engraçada, encontrei lá o Melo Barreto.

—Para onde foi depois?

—Para o Nacional.

E Pinheiro ri, e Pinheiro fuma. O seu carão vermelho, de fidalgo Marialva, aí por 1815, que funga rapé, que vai ver a procissão acompanhado do moleque, e que tem uma prima madre abadessa com quem quere casar, entrou de viver o seu pensamento, numa extraordinaria mobilidade de mascaras, qual delas a mais desafiante de gargalhada. Um detalhe: Antonio Pinheiro tem muitos aneis, nenhum de brilhantes. Pedras antigas, camafeus, soeiras, ametistas, pedras negras, onde elmos em heraldica se gravam.

—Tenho 25 anos de ensaiador. Gosto mais de ensaiar; satisfaz mais o meu espirito. No meu gabinete vivo a scena, vejo marchar as figuras, estilizarem-se atitudes.

—Sim, observámos. Nos ensaios, o ensaiador reparte-se em dezenas de figuras. A sua alma tem um cortejo de almas... A qualidade primacial do artista português?

—A intuição e a observação.

—E o seu defeito?

—Não sentir o que se lhe diz. Muitos julgam que é por caturrice que o ensaiador faz uma observação... O nosso artista tem muito valor, tanto como o estrangeiro, e sente verdadeiramente as peças portuguesas. Encara as traduções com uma certa repulsa... Veja os actores de revista? Que brilho! Que verdade! Esses tipos politicos, tipos de rua, são admiraveis.

—Nos seus vinte e cinco anos de ensaiador tem variado de processos?

—Tenho. Há dois anos a cinematografia abriu-me novos horizontes...

—Dois segredos...

Observámos uma hesitação.

—Então só um...

—Eu digo, digo, não faço reservas... São os silencios, as pausas que exprimem idéas. O publico aceita-as; pelo menos tem-nas aceitado até hoje. E nos scenarios tambem.

Continua o retrato do actor. Antonio Pinheiro tinha o colarinho torcido, a gravata meio desprendida, sempre o seu sorriso largo, um sorriso de camponês, sentado á lareira e que principia a história da Princeza Magalona. Era uma vez

E, sem sabermos porquê, talvez por lhe termos pedido ao principio, contou-nos uma anecdota:

—A primeira vez que saí de Lisboa como artista fui a Aldegalega. Tinha encarregado dois amigos de passar a casa. O primeiro, que era regenerador, aguardou que o segundo, que era progressista, passasse os bilhetes. Cada um esperou que o outro fosse o primeiro a fazê-lo. Politica no caso. Quando cheguei, o teatro estava deserto... Deserto? Minto, estava um alferes que fôra de Lisboa acompanhar a sua dama... A' noite, eu e a minha companhia, sem termos dado espectaculo, atravessámos o rio numa falua por quatro vintens e meio...

Rimo-nos. E Pinheiro, bonacheirão, alegre, português no tipo, na voz, no gesto, nos aneis, na gravata, no colarinho, em tudo, disse:

—Eu nunca recusei um papel. Imagine que me *estendia* ámanhã no palco? Diziam logo: — Assim o quizeste. Não! Faço todos os papeis... E nos contractos a mesma coisa. Não sei quanto hei de pedir... Sou como uma criança...

—Dos modernos, o artista preferido?

—Ah! Isso não!

—E dos antigos?

—Augusto Rosa foi meu mestre...

—A peça...

—Todas. Das portuguesas gosto mais.

—Há uma sempre...

—Recordemos, então, o «Viriato Tragico»; fazia o papel de S. Vito...

E Antonio Pinheiro despediu-se, porque eram 2 horas e se seguia o ultimo ensaio de «Jerusalem». — A. P.

OS TEATROS

A festa de Schwalbach

Os amigos e admiradores do eminente comediografo Eduardo Schwalbach prepararam-lhe, ontem, uma carinhosa manifestação, no teatro Apolo, onde se realisou a sua festa de autor da revista Gato por lebre. *Casa completamente cheia, como sempre, e muitas palmas, muitos aplausos significaram a Eduardo Schwalbach a grande admiração que o publico de Lisboa lhe dedica—admiração justissima pelo seu grande talento de dramaturgo e pela obra de teatro que ha muitos anos vem realisando, com geral aplauso de todos nós. Eduardo Schwalbach, numa terra em que toda a gente escreve revistas de ano, é um nome que ha-de ficar como um simbolo.*

Réclames

S. CARLOS—E' hoje que a companhia Amelia Colaço-Robles Monteiro inaugura a sua epoca de inverno, no teatro de S. Carlos, com a estreia da peça em 4 actos, de George Rivolet, arranjada para a scena portugueza por Alfredo Cortez, «Jerusalem!» Peça de uma grande intensidade dramatica, com uma grande e vistosa figuração, tem a recomenda-la não só uma cuidada interpretação por parte de todos os artistas que compõem a companhia, entre os quais se encontram Amelia Rey Colaço, Maria Judice, Antonio Pinheiro, Henrique de Albuquerque, Robles Monteiro, Ernesto Rodrigues, etc., como ainda pela montagem meticulosa de Laurentino Mendes.

NACIONAL—E' definitivamente ámanhã que reabre o Nacional, o nosso primeiro teatro de declamação, em cuja companhia se reune o mais elevado numero de notabilidades das que ilustram a scena contemporanea. O espectaculo consta da representação da famosa peça historica «D. Afonso VI», que será apresentada com o maximo esplendor de scenarios, guarda-roupa e mais pertences, devendo oferecer um aspecto verdadeiramente deslumbrante a sua exibição.

GIMNASIO—O mais elegre dos espectaculos pode o publico aprecia-lo, indo ver, no Gimnasio, a graciosa peça «O celebre Pina», que não tem rival no imprevisto das suas scenas, nem nos ditos de espirito e situações de um comico irresistivel. Hoje, para satisfação do publico, repete-se, no Gimnasio, «O celebre Pina», que poucas mais representações dara.

AVENIDA—Cada noite que passa é mais uma noite de festa no teatro Avenida, onde se representa a peça mais engraçada desta epoca, a linda opereta «Flores da noite», o grande exito da companhia Satanela-Amarante.

APOLO—Não é com afirmações espalhafatosas mas gratuitas que o reclame de uma peça se faz de maneira a ser acreditada pelo publico. Assim o entende a empresa do Apolo, que sobre a revista de Schwalbach, «Gato por lebre», estava fazendo e vai continuar um interessante trabalho de divulgação dns seus personageos e dos seus simbolos.

EDEN TEATRO—Só na proxima segunda-feira, sobe á scena a revista «Pau de dois bicos», agora adia por não estar concluido todo o numeroso e rico guarda-roupa.

SALÃO FOZ—Tudo se prepara para que seja dos mais brilhantes o exito da revista que está em ensaios no salão Foz, e que tem como autores os mais afortunados escritores do genero: Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes, que, desta vez, são acompanhados por Lino Ferreira. Intitula-se a nova peça «Bichinha gata...», e a empresa vai representá-la com um brilhantismo e aparato até agora não excedido.

Espectaculos

S. CARLOS—A's 21—«Jerusalem!»
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
AVENIDA—A's 21—"Flôres da Noite".
EDEN—Fechado.
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
CHIADO TERRASSE—A's 21—«Mario e Maria»
COLISEU DOS RECREIOS—A's 20 e 22—«Tic-Tac».
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco», revista.
SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALAO CENTRAL—Animatografo e concerto.
SALAO IDEAL—Animatografo.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado
"Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. { Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres—56, Ludgate Hill

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

A CIDADE

A MARINHA DE GUERRA E OS ACONTECIMENTOS

ALGUMAS IMPRESSÕES DE OFICIAIS DE MARINHA SOBRE O MOVIMENTO

Revelações graves que podem contribuir para auxiliar o inquerito sobre a noite do Arsenal

O que se passa a bordo de dois navios de guerra — Propaganda dissolvente? — A prisão do tenente Rebocho

A fim de informar o melhor possivel os seus leitores, pondo-os ao corrente do que se passa e procurando apenas fazer ressaltar a verdade, sempre a verdade dos factos que ultimamente cobriram de luto a nossa terra, colheu o «Diario de Lisboa» algumas impressões de oficiais de marinha, logo após os acontecimentos do Arsenal. E' desnecessario acentuar que há entre os oficiais da armada a maior indignação por tudo quanto se passou e em que lamentavelmente tomaram parte alguns marinheiros, que não podem de modo algum, pelo seu desvario, manchar a corporação da armada, de nobres tradições. O «Diario de Lisboa» trocou impressões com três oficiais: os srs. Eugenio Rebelo, Negrão Neto e João de Figueiredo, que perfilham absolutamente as notas que seguem.

— E' verdade que nem só marinheiros tomaram parte nos lamentaveis acontecimentos de 19, mas como os factos se passaram no Arsenal, a repulsa tem caído principalmente sobre eles. E até agora eu não vejo — diz um oficial — maneira de limpar essa nodoa, que atinge a marinha inteira...

Outro oficial:

— Fui sempre amigo dos marinheiros; tenho-os defendido sempre contra todos os ataques que se tem pretendido fazer-lhes; creio até firmemente que são individuos naturalmente bondosos. Basta apontar o 5 de dezembro, em que eles combateram com valentia até á ultima; Monsanto e depois o Norte, em que protegeram e salvaram a vida de muitos cidadãos.

— Mas como se explica que os marinheiros tenham tomado parte nos acontecimentos do Arsenal?

— E' muito simples. No 5 de dezembro, em Monsanto e no Norte eram comandados pelos seus oficiais, respeitavam a disciplina e iam para onde nós os levassemos, mas só para onde nós os levassemos. Bastava que tivessem a seu lado a figura prestigiosa do comandante Cerqueira, que em cada marujo tinha um verdadeiro amigo, e ele queria a todos os marinheiros.

— Agora não houve comandantes?

— Havia uma escassa meia duzia de oficiais e aspirantes, que a maior parte do tempo permaneceram a bordo ou portas a dentro do Arsenal. As praças andavam por aí a granel e assim não é dificil compreender que algumas, talvez mesmo embriagadas, fossem arrastadas pela onda....

Fala ainda outro oficial:

— E depois, uma das primeiras ordens dum chefe foi mandar soltar os presos que estavam no Quartel de Marinheiros, alguns condenados por faltas de respeito a superiores, outros á espera de julgamento e ainda outros a cumprirem penas por varios delitos militares. Sei de alguns oficiais que foram tambem procurados, naturalmente para o morticinio — como o Prestes Salgueiro — por terem sido testemunhas no julgamento de um dos presos que foi posto em liberdade. Ainda agora vi dois sargentos que lá estavam presos, um dos quais andou em perseguições, o que foi testemunhado por marinheiros que o quizeram dissuadir. As prisões continuam abertas e o ministerio da Marinha tem conhecimento...

O mesmo oficial continua a falar; o jornalista ouve:

— Na noite do Arsenal, o patrão de um vapor — creio mesmo que daquele em que esteve Cunha Leal — foi pedir a um dos chefes que fosse acalmar aquela gente, para evitar as scenas de sangue que depois se passaram. O chefe recusou-se a ir e disse para outro oficial:

«— Tu que precisas de ir ao Carmo, passa por lá.»

Fala outro oficial; o jornalista aponta:

— Em dois navios, felizmente só em dois navios, são as praças que á proa resolvem por aclamação quais são os oficiais que consentem a bordo — o que depois vão comunicar ao chefe, que na tolda aguarda a resposta. Há uma pequena minoria, em qualidade e quantidade, que tem feito propaganda dissolvente na Marinha, tendo sempre em vista cavar uma funda incompatibilidade entre os oficiais e as praças, para assim conseguir destas aquilo que pretendem. E é bom acentuar que só uma pequena parte da Marinha aderiu ao movimento. Nos submarinos, na Aviação, na Escola de Torpedos e Electricidade todos os marinheiros estiveram sob as ordens dos seus comandantes. Só em alguns navios do quadro, apanhados de surpresa, é que desembarcaram praças — sob a ameaça do navio chefe; mas vendo do que se tratava, na tarde de 19, já se tinham escapado á formiga para bordo — isto em três navios.

Outro oficial acrescenta:

— Quando forem nomeados os oficiais que vão proceder a um rigoroso inquérito na Marinha, então se saberá que só uma reduzida minoria é responsavel pelos acontecimentos. A Marinha de Guerra, expurgada desses elementos e posta a navegar, há de readquirir, certamente, perante o país, todo o seu prestigio.

Conta-se depois o caso tenente Rebocho, um oficial disciplinadissimo, comparando-o aos velhos militares da antiga escola. Esse oficial, apesar do desmentido que veiu na imprensa, sabemos de fonte segura que ainda se encontra preso a bordo do «Vasco da Gama».

E são estas as impressões de alguns oficiais de marinha, colhidas pelo nosso redactor.

Exposição d'Arte Catalã

Os trabalhos para a sua organização

Continuam com grande azafama os trabalhos de adquação e preparação do grande «salon» da Sociedade Nacional de Belas Artes, a fim de receber a exposição d'Arte Catalã, que, apesar dos lamentaveis incidentes da ultima semana, se realizará no dia 1 do proximo mês de Novembro, data por nós já anunciada.

Estamos ainda autorizados a informar os nossos leitores de que, além duma copiosa representação da pintura e da escultura catalã, esta exposição será enriquecida com uma muito interessante instalação de arte aplicada, efectuada pela Escola de Trabalhos d'Arte de Barcelona e duma retrospectiva dos mestres catalães do seculo XIX.

Congratulamo-nos, pois, porque a aproximação entre o nosso país e a Espanha se faça tambem pela acção desinteressada das Belas Artes.

Tribunal de transgressões

Reassumirá brevemente as suas funções de escrivão de direito no 1.º juizo deste tribunal o sr. Alvaro Mineiro.

OUVINDO O SR. MINISTRO DOS ESTRANGEIROS

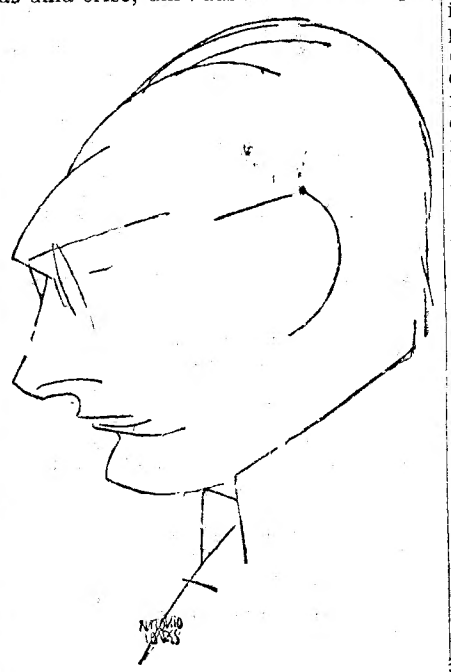
MACAU, COLONIA-BASE DE UM GRANDE PLANO DE POLITICA ORIENTAL

O sr. dr. Veiga Simões apresenta ao "Diario de Lisboa" interessantes pontos de vista

Macau, Timor, a feitoria de Bangkok e as colonias da India têm um grande papel a desempenhar

O sr. dr. Veiga Simões, um dos poucos elementos moços que constam da reserva de mentalidades do regime, sobraça, no ministerio saido da revolução, a pasta dos Negócios Estrangeiros. Culto, diplomata em inteligencia e diplomata ainda na sua linha geral—o que nem sempre se consegue apenas com o auxilio de um bom alfaiate...—o sucessor do sr. Melo Barreto, que já foi jornalista, que escreve ainda para jornaes, que é, portanto, um amigo nosso, conversa com o *reporter*:

—A chamada «questão de Macau» é apenas uma crise, uma das muitas crises que,



Dr. Veiga Simões
(«r ortrait charge» do pintor Antonio Soares)

de há trinta anos para cá, de vez em quando se agita na nossa colónia do Extremo-Oriente. A que surgiu agora revestiu um aspecto grave, não na sua origem, mas na fórma como foram conduzidos outros factos posteriores. Mais nada. Espero, entretanto, desfazer o alarme, e encaminhar a questão de fórma a aproveitar o momento para a arrumarmos duma fórma definitiva. Nesse caminho estou, e não creio que me falte muito para chegar a bom termo.

—E esse pouco, consiste...

—A grande, a verdadeira solução de Macau está em atribuir a Macau uma função económica determinada no Extremo-Oriente. Ora para isso, precisamos não isolar o problema, mas colocá-lo devidamente no quadro geral da nossa politica no Extremo-Oriente. Temos ainda várias colónias no Oriente, em que alguns querem vêr apenas padrões históricos, mas que muito notavel lugar podem vir a ocupar na nossa vida económica, quando para elas nos voltemos com olhos de bem olhar.

«Restituido o caminho de ferro de Mormugão e o seu porto *terminus* á função que lhe compete, e que deixámos estrangular pelo tratado de 81, a nossa India teria um lugar a desempenhar nessa zona geográfica da nossa politica económica. E justamente agora que as negociações dum novo pacto se vão abrir, é o momento perfeito de definir essa função, e fazer os maiores esforços por lh'a poder entregar.

—Mas isso é um interessantissimo plano de politica oriental...

—Temos no nosso Padroado no Industão—prosseguiu o ministro—zonas a aproveitar consideravelmente, com um pequeno dispendio e bem maior utilidade, em que a par da continuação da nossa influencia possamos estabelecer pontos de apoio para essa politica económica. Meliapôr é, sem duvida, uma delas, utilizando convenientemente os terrenos que ali temos e ameaçam abandono.

«No Siam, possuimos uma feitoria, situada na parte mais importante de Bangkok sob o ponto de vista comercial e maritimo, á margem do rio Menam, em local procuradissimo e pela sua situação vastamente valorizada para a construção de grandes docas e caes. Em 1917, sociedades inglezas quizeram alugar-nos a feitoria para esse efeito, como já antes uma sociedade alemã o tinha querido tambem. Excelente medida seria aproveitar esse terreno para nele construir caes e docas condicentes ás necessidades do tráfego siamez, por sociedades ou companhias estrangeiras que déssem sólidas garantias á nossa navegação e á nossa produção oriental, se capitaes nacionaes não quizessem olhar para essa iniciativa.

«Macau poderia ser, decerto, um entreposto maritimo e comercial, não direi comparável a Hong-Kong, por a area distribuidora do nosso porto ser menor, e o porto distribuidor da provincia chineza do Kuang-Tung, uma das mais ricas da China, se não a mais rica. De uma extraordinária riqueza agricola, abundante em carvão, ferro, cobre, e até em ouro e prata, com o Caminho de Ferro Macau-Cantão, cujo raio de acção não tocaria sequer o de Cantão Hong-Kong, encontraria em Macau o seu porto natural, que em condições de mais barato frete levaria os seus produtos a Hong-Kong, porto distribuidor de toda a China do sul. Longe de prejudicar Hong-Kong, ou sequer, de com ele poder vir a concorrer, Macau grande porto da provincia de Kuang-Tung, evitaria a Hong-Kong a vizinhança incómoda de qualquer outro porto do sul da China, de mais vastas ambições que as que Macau possa ter.

«Timor é já hoje uma colónia riquissima, preparada pelas obras de fomento que a acção colonial da Republica lá têm realizado, a produzir e exportar dentro em pouco, café de excelente qualidade. Já agora os holandezes lá no-lo vão buscar, para lotar com o que produzem nas suas Indias Orientaes, de qualidade inferior e com ele apresentar nos mercados um tipo de superior qualidade.

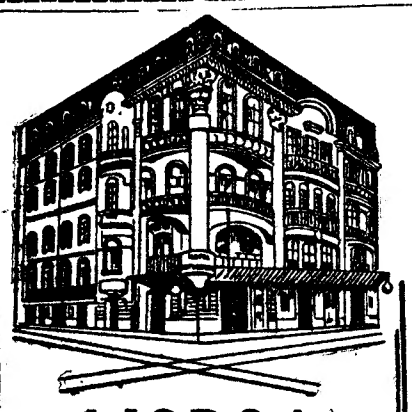
—Mas v. ex.ª está apresentando pontos de vista admiráveis!

—Com esta materia prima, compreende como seria fácil determinarmos uma politica económica a seguir com o Extremo-Oriente, valorizando a nossa situação internacional ao ponto de, numa acção una de todos esses elementos, podermos ser lá uma força decisiva e respeitada.

«E' um êrro isolar as questões e os interesses. Macau, como futuro porto de mar, póde e deve ocupar nesse quadro geral dos nossos interesses do Oriente uma nobre função, que de certo não tem agora. E' preciso entregar-lhe essa função. Posto em equação e em justo equilibrio este problema, Macau será respeitada internacionalmente como uma força enorme que haverá que ter em conta.

«A par da solução do conflito actual—concluiu o sr. dr. Veiga Simões—estudo com decisão o problema do Macau futuro. Se o conseguir, como espero, com esforço e com vontade, terei colocado em movimento, no Extremo-Oriente, uma força que nenhum interesse poderá, d'ahi em deante, deixar de reconhecer e de respeitar.

INSTALAÇÕES
E REPARAÇÕES
DE CAMPAINHAS, TELEFONES, LUZ ELECTRICA, PÁRA-RAIOS
Casa PALISSY GALVANI
RUA SERPA PINTO, 89 E 91
LISBOA
Telefone, 641



LISBOA
Hotel
internacional
O melhor tratamento
O menor preço
BANHOS
Almoços e Jantares
O Hotel Internacional tem automovel á chegada dos comboios e vapores
TELEGRAMAS HOTAL
Sociedade Lusitana dos Hoteis, L.da
Gerente: LINO MARTINS COELHO
ROSSIO—ESQUINA DA RUA AUGUSTA

PROVINCIAS

Em Santo Tirso

Varias noticias

Santo Tirso, 25

Tomou ontem posse do cargo de administrador deste concelho o sr. Americo Cardoso.

—Manifestaram-se nesta vila dois casos de tifo exantematico. As autoridades locais, como medida de precaução, isolaram as respectivas casas, para evitar o contagio epidemico.

Um dos tifosos deu entrada no hospital Conde de S. Bento, desta vila. Até agora não ha conhecimento de mais nenhum caso de tifo.

—Felizmente que não temos a lamentar apui nenenhuma vitima da ultima revolução, pois que o «comité» revolucionario de execuções resolveu, entre outras coisas, não fazer perseguições.

—Tem-se feito sentir, nestes ultimos dias, a falta de luz electrica da iluminação publica. Pedimos providencias a quem compete.

Em Cantanhede

Os ultimos acontecimentos

Cantanhede, 24

A noticia dos ultimos acontecimentos causou aqui profunda consternação pela mancha negra dos infames atentados, sendo opinião geral que o actual ministerio não terá grandes simpatias emquanto não forem implacavelmente castigados os assassinos dos prestimosos republicanos dr. Antonio Granjo, Machado Santos, Carlos da Maia e Freitas da Silva, embora o novo governo tenha as melhores intenções.

A' atitude do capitão Cunha Leal tem-se feito aqui os maiores elogios.

A' hora a que acabo de confeccionar esta noticia, um numeroso grupo de republicanos comenta a hipotese do actual governo se limitar a pôr debaixo de ferros os assassinos que deram causa ás ultimas barbaridades, o que por todos é considerado deficiente, atenta a hediondez dos crimes praticados que só a pena de morte poderá saldar.

Em Coimbra

Os acontecimentos de Lisboa

Coimbra, 27

A camara municipal de Coimbra faz-se representar na grande manifestação que vai realizar-se em Lisboa, para pedir ao sr. Presidente da Republica que não renuncie, pelos srs. dr. Alves dos Santos, Alberto Camarada Cortezão e Costa Cabral. Esta deputação faz-se acompanhar pela bandeira da cidade.

—Como protesto contra os crimes praticados na celebre noite de 19, pediu a sua demissão de oficial do exercito o alferes de infantaria 23 sr. Manuel Ferreira Camões, um dos combatentes na grande guerra.

Roubo em dois quarteis

A suspeita de um pequeno roubo deu lugar a que a policia entrasse num casebre de uma mulher que reside proximo dos Arcos do Jardim. Qual foi, porém, a surpreza dos agentes quando se depararam com um completo deposito de fardamentos e outros artigos militares. Havia uma enorme quantidade de capotes, lençois, grevas, toalhas, calças, jalecos, luvas, cinturões, alpargatas, correame, botas, cabedais, etc., mais de 12:000 escudos roubados ao Estado.

Tudo isto foi mandado para casa da tal mulher pelo seu amante João Augusto, 2.º cabo quarteleiro de infantaria 17, em Beja, que o foi tambem no regimento de infantaria 23, nesta cidade. Os artigos foram roubados num e noutro quartel, vindo os roubos a ser praticados ha cerca de quatro anos.

Capitão Gonzaga

Coimbra prestará uma grande manifestação á memoria do heroico capitão aviador sr. Luis de Sousa Gonzaga, a qual se realiza pelas 15 horas. A academia incorporar-se-ha no funeral e á sua passagem o comercio fechará.

Posse

Tomou hoje posse do cargo de juis do tribunal da Relação o sr. dr. Messias Gouveia.

Em Aveiro

A manifestação ao Chefe do Estado

Aveiro, 27

Realizou-se no teatro desta cidade, que se encontrava completamente cheio, uma imponente reunião sob a presidencia do governador civil, que foi secretariada pelos presidentes da Camara e Associação Comercial. Falaram o chefe do distrito, dr. Barata e André dos Reis, sendo aprovada, entre calorosos aplausos, a seguinte moção apresentada pela mesa:

«O povo republicano protestando contra todos os atentados pessoais e lamentando a morte dos vultos republicanos que foram vitimas dos ultimos acontecimentos; considerando que a Patria e as instituições atravessam um critico momento, de que podem resultar a perda da nacionalidade e a queda da Republica se o seu presidente, o eminente e preclaro cidadão dr. Antonio José de Almeida persistir na intenção de resignar o alto mandato que lhe foi conferido, resolve ir junto de s. ex.ª e, em nome dos mais altos interesses da Patria e da Republica, solicitar-lhe que, atravez de todos os sacrificios se conserve no posto que a nação lhe confiou».

Finda a reunião que terminou com vivas á Republica, foi votado um voto de sentimento pela morte dos vultos republicanos que foram vitimas dos atentados de 19 e 20, conservando-se todos os assistentes de pé.

Em Seia

Seia, 26

Os ultimos acontecimentos de Lisboa trazem toda esta gente indignada, sendo unanime a repulsa pelos autores dos atentados.

Os jornais são aguardados anciosamente e o «Diario de Lisboa» aquele que mais satisfaz com as suas belas entrevistas e larga reportagem.

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e minas
—Seguros de vida—
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

CAFÉ MALTE VATEL
DE CEVADA GERMINADA
Muito recomendado ás pessoas nervosas por não ter cafeina
Não confundir com o café de cevada vulgar

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS
LISBOA
Rua do Ouro, 18, 24
PORTO
Praça da Liberdade, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

Oleo figado de bacalhau
(PURO)
SOCIEDADE COMERCIO NACIONAL, L.DA
59, Rua Nova do Almada, 1.º
Telefone C. 3190

S. I. C.
Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops
Pedir sempre os chocolates
S. I. C.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

NO ESTRANGEIRO

PARA RECONQUISTAR UM TRONO

A aventura de Carlos de Habsburgo

O EX-IMPERADOR CONTAVA COM AS PREOCUPAÇÕES DA "ENTENTE" PARA VENCER

A nova tentativa de Carlos de Habsburgo para conquistar o trono da Hungria, se bem que prevista num periodo mais ou menos longo era por agora completamente inesperada.

Quando da sua ultima aventura o governo da Suiça, depois de grandes dificuldades para lhe consentir a permanencia em territorio helvetico, resolveu permitir-lhe que estabelecesse aí residencia, com a condição, porém, de avisar o governo com três dias de antecedencia antes de se ausentar.

Carlos de Habsburgo escreveu, com efeito, uma carta ao presidente da Confederação Suiça, carta, porém, que só foi entregue pelo barão de Hexe, vinte e quatro horas depois do imperador ter chegado á Hungria.

Este conseguirá algum dia reconquistar o trono? E' uma pregunta a que se não pode responder com segurança.

E' certo que a Europa, nomeadamente a pequena Ente e a Italia, opõem uma resistencia tenaz a uma monarquia da Hungria; mas pessoalmente ninguem considera Carlos de Habsburgo perigoso para a paz da Europa, e quando da sua ultima tentativa em Abril a opinião mostrou-se em geral benevolente.

E' unanimemente reconhecido que Carlos de Habsburgo é um amigo dos aliados; e o imperador não tem deixado de fazer apelo a essa qualidade incontestavel, para alcançar a complacencia destes, sem a qual todas as tentativas hão-de falhar.

Se Carlos de Habsburgo pudesse ser presidente da Republica, seria o homem que os aliados acolheriam com melhor vontade; mas, para presidir aos destinos da sua patria, Carlos de Habsburgo só poderá fazê-lo como rei de uma monarquia hereditaria. Seu pai foi uma das figuras responsaveis da guerra; quem assegura que seus filhos não seguirão na esteira do avô? quem assegura mesmo, que o proprio Carlos Habsburgo se não veja obrigado um dia a esquecer-se de que é amigo dos aliados, para prestar culto á tradição militarista dos centrais, em virtude dessas contingencias a que estão sujeitos os monarcas hereditarios por sua propria natureza?

Carlos da Hungria está actualmente jogando a ultima cartada. Bem sabe que, vencido desta vez, não encontrará país da Europa onde resida e se lhe escapam as probabilidades de voltar ao trono.

Nunca Carlos da Hungria pensou em desistir do seu reino; bem claramente o disse, quando em abril fez a altima tentativa de reconquista. E' um monarca que segue ainda o direito divino; o seu trono foi-lhe dado por Deus e a sua fé impõe-lhe a obrigação de procurar reavê-lo.

Sabia perfeitamente que a Pequena Entente continuava irredutivel, mas parecia-lhe que a ocasião era agora propicia aos seus designios: os jugo-slavos estão em tudo com a Albania; os romenos têm o exercito mobilizado para que os russos famintos lhe não invadam a fronteira da Bessarabia; e os tchec-slovacos encontram-se enfraquecidos pelas divisões internas, tendentes a separá-los em dois Estados.

Dos aliados não tinha o rei Carlos grande receio; deu bastantes provas durante os dois ultimos anos da guerra, de quanto desejava separar-se da Alemanha, para imaginar que a oposição não seria tão grande que enviassem tropas contra ele.

O imperador recebia constantemente convites dos seus subditos para voltar á Hungria; a insistencia aumentava diariamente. Ultimamente recebeu comunicação de que estava constituido um ministerio, pronto a assumir o governo logo que a monarquia fosse proclamada. Carlos de Habsburgo concordou com esse ministerio. Era constituido pelas personagens mais distintas da Hungria.

Tendo dito que ia passar uns dias proximo do lago de Zurich, o imperador partiu de aeroplano para a sua patria. Dizem alguns telegramas que já está preso. Será o termo das aventuras?

Na carta que deixou para o presidente da Republica suiça, pedia ao governo que protegesse seus filhos.

CONTAS DA GUERRA

Reginad Macken, presidente do maior banco do mundo, defende a anulação das dividas dos aliados

LONDRES, 28. — O sr. Reginal Maken, ex-chanceler do tesouro inglês e presidente do maior banco do mundo, dirigindo-se aos banqueiros americanos e aos comerciantes de Chicago, defendeu a anulação das dividas aliadas como unico remedio para o estado economico actual. A anulação das dividas internacionais daria trabalho aos milhões de desempregados ingleses e americanos, com beneficio para estes países, atendendo ao que a Inglaterra perde num ano com a existencia de dois milhões de desempregados e a que não poderá receber em 30 anos as indemnizações alemãs. — (Radio).

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL

18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)

TELEFONE C. 3:992

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

AS FINANÇAS DA RUSSIA

OS BOLCHEVISTAS INSISTEM NO PROJECTO DE UM EMPRESTIMO INTERNACIONAL

Depois de regenerada a industria, a Russia pagará as suas dividas antigas

LONDRES, 27.

Os bolchevistas, depois de ter fracassado o seu pedido dum crédito de 10 milhões de libras esterlinas, pela mediação do dr. Nansen, insistem no seu primitivo projecto dum empréstimo internacional, destinado ao restabelecimento da industria russa. Para facilitar este empréstimo, os bolchevistas continuam a entabolar negociações sobre o reembolso das antigas dividas. Este reembolso não poderá efectuar-se, conforme os projectos bolchevistas, mas tendo em conta a depreciação universal das obrigações do empréstimo russo.

Se as obrigações do empréstimo russo, ao preço nominal de 100 francos se cotam na Bolsa a 15 francos, seria ridiculo reconhecer integralmente a divida»—dizem os financeiros bolchevistas. Além disso, tratam de obter uma praça para o pagamento dos lucros e uma promessa formal de que se renunciará á intervenção militar. Os bolchevistas querem receber créditos para regenerar a industria e depois consentirão sobre o pagamento das antigas dividas.

A conferencia de Washington

Lloyd George adia a sua partida para a America

LONDRES, 28.

Devido ao estado critico das negociações anglo-irlandezas, será protelada a partida de Lloyd George para Washington.—(R.)

UM NOVO TRATADO

Entre a Polonia e Dantzig haverá doravante liberdade comercial

LONDRES, 28.

Foi assinado em Varsovia o tratado referente a Dantzig, que estabeleceu uma administração económica conjunta e estabelece tambem que a partir de Janeiro próximo as linhas de fronteiras alfandegárias polacas e alemãs se estenderão até ao mar, havendo liberdade comercial entre a Polónia e o Estado livre de Dantzig. —(R.)

A tentativa do rei Carlos

Comentarios da imprensa italiana

ROMA, 28.

Os jornaes italianos comentam com surpreza a tentativa dos governos de Praga e de Belgrado de se aproveitarem da aventura carlista para pôr em discussão o acôrdo e a convenção de Veneza. A «Epoca» diz que é tarde para o fazer, porque a Hungria lealmente e com as suas próprias forças, reprimiu a tentativa legitimista. Tambem o jornal de Paris, o «Temps», que em tempos pôz objecções á convenção de Veneza, diz que ela agora deve estar fóra de discussão. Não se póde aproveitar o pretexto da comedia carlista contra a Hungria, que cumpriu o seu dever, e Belgrado e Praga devem reconhecer o que se fez em Veneza.—(R.)

AS ESTRADAS SERVIAS

estão sendo reconstruidas

LONDRES, 28.

As estradas sérvias estão sendo reconstruidas, porque foram muito prejudicadas durante a invasão deste paiz pelas tropas austro-alemãs. Vae ser tambem construida uma linha de Belgrado para os portos do Adriático. A Servia, para ocorrer ás despezas que tem a fazer e para satisfazer os seus débitos com a França, deseja hipotecar os monopólios do Estado, dos tabacos, do sal, do petroleo, do papel e dos fósforos. Estes monopólios já estão hipotecados nos territórios da velha Servia. Espera-se que o rendimento destes monopólios seja satisfatório e dê uma certa liberdade financeira á Servia.—(R.)

A guerra de Marrocos

Berenguer está em Ceuta—Os aviadores espanhois bombardeiam os mouros—As baixas no combate de Gomara

MELILLA, 28.

Uma equadrilha de aviação bombardeou Tamunt, Armand e os barrancos de Insat.

Apresentaram-se nesta praça alguns soldados que estavam prisioneiros dos mouros e que conseguiram fugir.

O general Berenguer está em Ceuta, onde conferenciou com o general Marzo, que lhe comunicou o resultado dos ultimos combates travados naquela zona. A maneira como as nossas tropas se portaram foi excelente, havendo apenas a lamentar 33 baixas nos combates de Gomara.

EM CHICAGO

Os ferro-viarios desligam-se dos sindicatos e declaram não desejar lançar-se na greve

LONDRES, 28

Comunicam de Chicago que muitos milhares de empregados dos caminhos de ferro, residentes naquela cidade, resolveram desligar-se dos quatro grandes sindicatos ferroviarios e declararam não desejar ir para a greve.

Os atentados pelo correio

Na embaixada americana em Londres são examinadas todas as encomendas recebidas depois da morte de Herrick

LONDRES, 28.

Na embaixada americana nesta cidade têm sido examinados cuidadosamente, depois do atentado em Paris contra o sr. Myron T. Herrick, todos os pacotes do correio que ali têm sido recebidos.

Tambem se tem tido todo o cuidado com a admissão de visitantes. Os comunistas londrinos não conseguiram realizar a sua manifestação de protesto pela condenação á morte de Sacco e Vanzetti em frente da embaixada americana, mas continuam ainda bastante agitados pela condenação dos dois anarquistas militantes.

EM ROMA

Uma terrivel explosão

ROMA, 28.

Deu-se uma terrivel explosão no paiol de pólvora do forte Savona, próximo de Genova, tendo ficado 5 pessoas mortas e havendo mais de 100 feridos.—(R.)

ULTIMAS NOTICIAS

Notas sobre o movimento

O dia de hoje no Governo Civil

O novo director da P. S. E. propõe a dissolução daquele organismo — Mais prisões

O sr. dr. Palva Lereno continuou hoje a desempenhar-se da sua missão, prosseguindo as investigações sobre os ultimos atentados. Procedeu ao interrogatório de várias testemunhas que têm conhecimento dos factos, sendo todas as declarações reduzidas a auto pelo agente Garcia. Foram presos os guardas 1:629 e 1:689, que fazem serviço na esquadra do Governo Civil, por se ter provado já que acompannaram o seu colega 1:875, a Oeiras, para prenderem o sr. Tamagnini Barbosa, que foi ameaçado de morte pelo 1:875, encontrando-se este na Penitenciária, onde aguardará o resultado das investigações que a policia está procedendo a seu respeito.

O sr. dr. Barbosa Viana, novo director da P. S. E., vae hoje propôr ao sr. ministro do Interior a dissolução daquela policia e ao mesmo tempo pedir-lhe autorização para a reorganizar convenientemente.

Foi preso um individuo de nome Cristiano José Lourenço, o «Aspirante», Campo de Santa Clara, 102, que foi detido na rua dos Fanqueiros, por andar angariando donativos para a compra de três palmas de bronze para serem depostas nos tumulos do dr. António Granjo, Machado Santos e Carlos da Maia. Na ocasião de ser preso, foi-lhe encontrada uma carta tarjada de negro e escrita á máquina, com nomes de vários individuos, como fazendo parte de uma comissão, e n'outra margem alguns nomes que subscreveram com avultadas quantias. O «Aspirante» foi entregue á policia da 3.ª secção de investigação, com o fim de se apurar quem foram os burlados.

Uma aclaração do sr. Sousa Guerra

Aclarando ainda a entrevista publicada no *Diario de Lisboa*, communicamos o capitão sr. Sousa Guerra, que há dois tenentes de nome Rosa Mateus. Um pertence á arma de engenharia e o outro á administração militar. Assim se explica a possibilidade de um deles ter assistido á conversa telefónica e o outro ter saido de automovel, a fim de avisar o sr. Afonso de Macedo.

Aqui registamos a declaração para bem da verdade.

A manifestação de domingo

Foi-nos enviado o seguinte convite:

«São convidados todos os oficiaes, sargentos e praças da G. N. R., Marinha, Exercito, Guarda Fiscal, policia, Centro Antonio Maria Baptista e todos os agrupamentos civis revolucionários, a tomarem parte na manifestação do próximo domingo, ao chefe do Estado.

Para evitar especulações devem dirigir-se em massa e com os seus estandartes aos ministerios, saudando o governo saido da revolução e pedindo-lhe o cumprimento integral do programa revolucionário, evitando assim novos movimentos».

A direcção do Gremio Lusitano convida todos os socios das suas secções a encorporarem-se no cortejo que amanhã se realiza, a fim de pedir a S. Ex.ª o Presidente da Republica que desista da sua intenção de resignar o alto cargo em que foi investido.

A Universidade de Coimbra sauda o governo

No Ministerio do Interior foi recebido o seguinte telegrama:

Ex.mo Presidente do Ministerio. — Lisboa. — Tenho a honra de, em meu nome e do desta Universidade enviar a V. Ex.ª as nossas respeitosas saudações. Este secular instituto de ensino muito espera da acção patriotica de V. Ex.ª. — Reitor da Universidade de Coimbra, *Manuel* José Fernandes Costa.

Reunião do Directorio do Partido Liberal

Reuniu hoje, pelas 13 horas, o directorio do partido liberal, trocando impressões sobre os acontecimentos. Foram lançados na acta votos de sentimento pelas vitimas dos ultimos atentados e de protesto contra os acontecimentos.

Pronunciou-se tambem contra a constituição de um ministerio de concentração, delegando no vogal sr. Ribeiro de Carvalho a missão de se avistar com o directorio do P. R. P.

A' hora a que escrevemos está-se realizando essa conferencia.

A noite do Arsenal

O sr. Cunha Leal confirma em telegrama tudo quanto o "Diario de Lisboa" afirmou

Na redacção do *Diario de Lisboa* foi recebido hoje o seguinte telegrama:

ALCAIDE, 28

Tudo o que foi afirmado pelo «Diario de Lisboa» é verdade. Disse pelo telefone ao capitão Sousa Guerra que havia muita urgencia na ida a minha casa, porque queriam assaltá-la, a pretexto de que tinha lá alguem escondido. Só um tolo diria que estava lá o dr. Antonio Granjo, porque seria assassiná-lo. Acuso o capitão Sousa Guerra de não querer ir a minha casa, mesmo depois de saber que estava lá o dr. Antonio Granjo.

Quanto a ter sido convidado pelo «comité» encarregado de assassinar Sidonio Pais, é absolutamente falso. Numa reunião a que assistiam mais de vinte oficiais, entre eles Alvaro de Castro e Rego Chagas, um desiquilibrado falou em matar Sidonio Pais, repelindo eu primeiro que todos uma ideia que só encontrou repulsa entre os que assistiam á reunião. Nunca mais ouvi falar em tal, porque não privo com assassinos.

Cunha Leal

O conselho de ministros desta tarde

Da nota oficiosa que nos foi enviada constam assuntos debatidos

O conselho de ministros, reunido hoje no ministerio do Interior, ao terminar forneceu á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«O conselho de ministros, em presença dos relatos contraditórios que lhe aparecem por variados meios de publicidade sobre os lamentáveis acontecimentos que se deram na noite de 19 para 20 do corrente, resolveu nomear pessoa estranha ao movimento para proceder a inquérito urgente sobre aqueles acontecimentos, independentemente do auto de investigação a que se está procedendo com energia.

Convidará, para esse efeito, uma alta individualidade, em cuja competencia, espirito disciplinado e disciplinador e absoluta independencia confia completamente, e que julga impôr-se egualmente á confiança do paiz e da Republica.

O conselho ocupou-se ainda da questão dos T. M. E., dos caminhos de ferro do Estado, da representação de Portugal na comemoração do soldado desconhecido na Itália e da questão dos presos sociaes.

Por ultimo, o governo resolveu solidarizar-se inteiramente com a manifestação de domingo ao sr. presidente da Republica».

Anselmo da Silva Vieira

MISSA

Abbia do Amaral Vieira participa ás pessoas das suas relações que no dia 29 do corrente, 3.º aniversario do falecimento do seu saudoso marido, Anselmo da Silva Vieira, manda celebrar uma missa na igreja de S. Domingos, ás 11 horas, agradecendo desde já a comparencia das pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

No Tribunal da Boa Hora

A morte do dr. Pedro de Matos

Responderam hoje os implicados no atentado da Avenida Almirante Reis—Serão absolvidos?

Sob a presidencia do sr. dr. Teixeira Coelho reuniu hoje o tribunal do 1.º juizo, na Boa-Hora, tendo como auditor o decano dos delegados, sr. dr. Castro Lopes, para julgamento de Diogo Homenio Junior, João Ferreira e Sebastião Graça, acusados de terem tomado parte no atentado que vitimou o juiz do Tribunal de Defeza Social, dr. Pedro de Matos, em 5 de Junho do ano findo, na Avenida Almirante Reis. A defeza dos réus está a cargo dos advogados srs. Mário Monteiro, Bessone e Sobral de Campos.

Cêrca das 13,30, procedeu-se á chamada das testemunhas, em numero de oez, faltando oito. Fóra da teia, na parte reservada ao publico, viam-se muitas pessoas do meio operário, e na bancada da defeza alguns advogados assistiam ao julgamento.

A's 14 horas, o escrivão procedeu á leitura do auto de corpo de delito. Os réus, quando interrogados, negaram-se a responder, dizendo que delegavam nos seus advogados. Em seguida, os advogados dr. Sobral de Campos, Mário Monteiro e Bessone passam a ditar, respectivamente, as contestações, em nome dos seus constituintes.

O réu Sebastião Graça nega que praticasse o crime de que é acusado ou que tivesse nele qualquer comparticipação. João Ferreira nega terminantemente qualquer intervenção, directa ou indirecta, no crime que lhe é imputado. Diogo Homenio Junior nega o crime de que é acusado, no qual não tomou parte por fórma alguma.

Testemunhas de acusação

João Gomes, diz ter ouvido tiros para os lados dos Anjos, nada mais sabendo do crime de que os réus eram acusados.

João António Mendes Baião começa por afirmar que estando numa leitaria da rua dos Anjos, cerca das 23,30, ouviu tiros e, saindo em direcção ao local do crime, viu o réu Sebastião Graça a fugir e procurou prendê-lo, tendo-lhe o réu pedido que o deixasse fugir, visto ter morto um homem. Nessa ocasião deitou fóra um punhal, que trazia embrulhado num jornal.

José Alves Gouveia, agente de policia, fez um depoimento muito contraditório.

Luiz Moreira, agente de policia, diz que os réus declararam na policia que tendo assistido a um julgamento no Tribunal de Defeza Social, e como vissem que o juiz dr. Pedro de Matos se tinha salientado na acusação, haviam resolvido matar aquele magistrado.

José Ferreira Rosa e Firmino Oliveira, agentes de policia, foram prescindidos pelo delegado do ministerio publico.

A' hora a que fechamos o nosso jornal está depondo o guarda 710, que capturou o réu Sebastião Graça.

Há a impressão de que não serão condenados todos os réus.

TAUROMAQUIA

A tourada de domingo no Campo Pequeno

Realiza-se no proximo domingo nesta praça a penultima corrida da temporada, organizada pelo distinto bandarilheiro amador sr. A. Gama Lobo (Veiros). Serão corridos dez touros todos puros, pertencentes á notavel ganadaria Cadaval, por um escolhido grupo de distintos amadores, cavaleiros srs. D. Alexandre de Mascarenhas, D. Vasco Anjos (Fontalva) e D. João de Mascarenhas. Bandarilheiros srs. D. Carlos de Mascarenhas, Mario Luis Lopes, D. Pedro de Bragança (Lafões), Artur Alves Ribeiro, M. Muñoz Crespo, J. Lopes da Silva e promotor, que executará entre outras sortes, salto de vara e sorte de cadeira.

O grande atractivo da corrida é o brilhante grupo de forcados amadores de Santarem, que na ultima corrida realizada nesta praça tão grande sucesso obteve pegando todos os touros.

Fazem parte deste grupo os srs. Antonio de Abreu (cabo), Benjamim Jardim, José Estevão de Magalhães, Fernando de Vasconcelos, José Maria Antunes, Joaquim Aguiar, Manuel Cabedo e Vasconcelos (Zambujal) e Joaquim Abreu.

Dirige a corrida um distinto aficionado.

Pelo brilhante «cartel» e pelas grandes simpatias que gosa o organizador é de esperar que a praça do Campo Pequeno tenha na tarde do proximo domingo uma enorme concorrencia.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Viscondessa de Maiorca, viscondessa de Almeida Garrett, D. Julieta Holtreman Roquete Ricciardi, D. Eugenia Manuel (Ataíde), D. Filomena de Azevedo Leitão Massano, D. Beatriz Perry Vidal Gaia, D. Maria Emilia de Faria Machado Pinto Roby (Hortas), D. Teresa Maria de Jesus Pinheiro de Melo (Arnoso), D. Maria Gabriela Goulard da Silveira Caldas e D. Maria Luisa de Lemos Seixas Castelo Branco Molar.

E os srs.:

Conde da Figueira, dr. Francisco Antonio Baião Taquenho, Afonso Araujo de Sommer, Rui de Saldanha da Gama Van-Zeller e Jorge Bleck.

—Faz hoje anos o sr. João Antonio Esteves da Rosa, empregado da administração do nosso colega «A Patria».

Casamentos

Na igreja do Sagrado Coração de Jesus realizou-se na segunda-feira ultima o casamento da sr.ª D. Carmina da Silva Gomes, gentil irmã da sr.ª D. Maria Manuela da Silva Gomes e cunhada do sr. Domingos Heitor Gomes, com o sr. Armando Martins Breyner

Finda a cerimonia religiosa, que revestiu um caracter muito intimo, foi servido na residencia do cunhado da noiva um fino «lunch», seguindo os noivos para as Caldas da Rainha, onde foram passar a lua de mel, partindo em breve para Ponta Delgada.

Pontos de reunião

Agenda

Hoje a nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» nos teatros Chiado Terrasse onde se realiza a estreia da companhia da distinta actriz Luz Veloso, com a peça «Mario e Maria» e em S. Carlos, estreia da companhia dos distintos artistas Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, com a peça «Jeruzalem» e amanhã no teatro Nacional, primeira recita de assinatura com a peça de grande espectaculo de D. João da Camara «Afonso VI» e na «soiree» da moda do Cinema Condes.

Em viagem

Com sua gentil filha D. Maria do Rosario, regressou da Figueira da Foz á sua casa em Lisboa, a sr.ª D. Adelaide da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela).

—Vindo de Coimbra está em Lisboa, o sr. dr. Luis Carrisso, ilustre lente da Universidade de Coimbra.

—Da Figueira da Foz, regressaram a Lisboa, os srs. drs. Vasco Guedes de Vasconcelos e Agostinho Fontes.

—Com suas gentis filhas encontram-se na Golegã, os srs. marqueses de Castelo Melhor.

—Regres ou de Sintra, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Luisa da Cunha Meneses Monteiro e filhos, o distinto advogado sr. dr. Vicente Rodrigues Monteiro.

—Para a sua quinta em Constancia, partiu do Monte Estoril, o sr. dr. Fernando Temudo.

—Regressou do Algarve, o sr. Carlos de Queiroz Pinto Coelho.

—Ao Porto regressou o sr. Inacio Pinto de Oliveira.

—Acompanhado de sua esposa, regressou de Sintra, o sr. dr. Julio ee Andrade e Sousa.

Bolsa de Lisboa

Dia 28

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	48$	52$
s|Londres cheque	6	5 3|4
» 90 d. v.	6 1|8	—
Rio s|Londres	8	—
s| Paris	738	770
s| Italia	390	416
s| Belgica	724	756
s| Suissa	1876	1957
s| Espanha	1348	1497
s| Berlim	60	70
s| Holanda	3466	3616
s| Nova York	10178	10620
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	850	950

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	54,45
» s|Londres	29,66
» s|New-York	7,49
» s|Berlim	4,35
Paris s|Londres	54,15
» s|Madrid	182,50
» s|Genebra	251,75
» s|Berlim	7,87
Londres s|Paris	54,775
» s|Roma	100,25
» s|New-York	3,93
» s|Berlim	698,
» Amsterdam	11,50
» s|Genebra	21,375
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 29:

Resa-se da trasladação de Santa Izabel, rainha e viuva. Duplex. Paramentos brancos. Missa propria, 2.ª oração «ad cunctis» e 2.ª oração «ad liberum».

—Lausperene na igreja de Santa Maria de Belem (Jeronimos).

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8-30, missa.

Jeronimos, ás 10, missa da Paz; ás 17, terço de benditos, por musica.

Santa Izabel, ás 11, festa á trasladação da rainha Santa Izabel, por musica.

Capelinha do Rosario, no cemiterio do Alto de S. João, rua n.º 4, ás 12, missa rezada.

Mez do Rosario nas igrejas do costume.

—No dia 1 de novembro, dia santo de guarda por ser «dia de todos os santos», os catolicos são obrigados a ir á missa e abster-se de obras servis, como se fosse domingo.